

Sementes da memória: legados botânicos da diáspora Africana

Judith Carney

Department of Geography, University of California, Los Angeles, CA, USA

Tradução:

Angela Steward

Revisão:

Emmanuel Duarte Almada

1 Publicação Original: Carney, Judith, "*Seeds of Memory: Botanical Legacies of the African Diaspora*," Em African Ethnobotany in the Americas. Editado por Robert Voeks e John Rashford. 2013. New York: Springer. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-1-4614-0836-9>.

Sementes da memória: legados botânicos da diáspora Africana

Resumo

A expansão ultramarina europeia entrou em pleno vigor nas décadas seguintes a 1492, o que levou a um intercâmbio intercontinental sem precedentes de espécies vegetais e animais. A literatura sobre o Intercâmbio Colombiano enfatiza as culturas do Novo Mundo e asiáticas que revolucionaram os sistemas alimentares da África, mas ignora amplamente o papel das culturas africanas nos trópicos do Novo Mundo. Este capítulo chama a atenção para os aspectos africanos negligenciados do Intercâmbio Colombiano. Durante o período inicial de desenvolvimento das *plantations*, os africanos escravizados desempenharam um papel crucial na dispersão das plantas e animais africanos para alimentação através do Oceano Atlântico. Para apreciar plenamente como os povos africanos contribuíram para a formação e desenvolvimento dos sistemas agrícolas do Novo Mundo, carecemos adotar uma nova perspectiva sobre as sociedades de *plantation*. Ao contrário das pesquisas convencionais, que se concentram em estudos de *commodities* para exportação, devemos nos concentrar nas plantas que os africanos escravizados cultivavam para suas próprias necessidades alimentares. Isto, por sua vez, chama a atenção para o papel das espécies africanas como um suporte logístico vital do comércio transatlântico de escravos. Também, lança luz sobre a agência dos africanos escravizados no cultivo pioneiro de plantas alimentares em suas áreas agrícolas, como quintais e hortas mantidas nos arredores das suas residências.

Palavras-chave: intercâmbio colombiano, diáspora africana, escravidão, subsistência, animais de alimentação e assinaturas culinárias.

Semillas de la memoria: legados botánicos de la diáspora africana

Resumen

Las décadas siguientes a 1492 iniciaron una era de expansión europea en el extranjero, lo que llevó a un intercambio intercontinental sin precedentes de especies de plantas y animales. La literatura sobre el intercambio colombino enfatiza los cultivos del Nuevo Mundo y Asia que revolucionaron los sistemas alimentarios de África, pero ignora el papel de los cultivos africanos en los trópicos del Nuevo Mundo. Este capítulo llama la atención sobre los componentes africanos descuidados del intercambio colombino. El movimiento de plantas y animales africanos a través del océano Atlántico en el período inicial de desarrollo de las plantaciones dependió del comercio transatlántico de esclavos para su dispersión. Las plantas y los animales llegaron en barcos de esclavos junto con los cautivos africanos para quienes las especies eran alimentos tradicionales, medicinales y animales para la alimentación. Una apreciación adecuada de las contribuciones africanas a los sistemas agrícolas del Nuevo Mundo requiere una nueva perspectiva sobre las sociedades de plantaciones, una que cambie la investigación estándar de los productos de exportación que cultivaron los esclavos a las plantas que cultivaron para sus propias necesidades. Esto, a su vez, llama la atención sobre la importancia de las especies africanas como un apoyo logístico vital del comercio de esclavos transatlántico y sobre la agencia de los africanos esclavizados en la pionera cultivación de plantas alimenticias familiares en sus jardines y campos de cultivo.

Palabras clave: Intercambio colombino, diáspora africana, esclavitud, subsistencia, animales de alimento y firmas culinarias.

Seeds of memory: botanical legacies of the african diaspora

Abstract

The decades following 1492 launched an era of European overseas expansion, which led to an unprecedented intercontinental exchange of plant and animal species. Literature on the Columbian Exchange emphasizes the New World and Asian crops that revolutionized the food systems of Africa but ignores the role of African crops in the New World tropics. This chapter draws attention to the neglected African components of the Columbian Exchange. The movement of African plant and food animals across the Atlantic Ocean in the initial period of plantation development depended on the transatlantic slave trade for their dispersal. Plants and animals arrived on slave ships together with African captives for whom the species were traditional dietary staples, medicinals, and food animals. A proper appreciation of African contributions to New World agricultural systems requires a new perspective on plantation societies, one that shifts standard research from the export commodities that slaves grew to the plants they cultivated for their own needs. This in turn draws attention to the significance of African species as a vital logistical support of the transatlantic slave trade and to the agency of enslaved Africans in pioneering cultivation of familiar dietary plants in their dooryard gardens and food fields.

Keywords: *Columbian Exchange, African diaspora, Slavery, Subsistence, Food animals, Culinary signatures*





A expansão ultramarina europeia entrou em pleno vigor nas décadas seguintes a 1492, o que levou a um intercâmbio intercontinental sem precedentes de espécies vegetais e animais. O historiador Alfred W. Crosby nomeou este processo o “Intercâmbio Colombiano”. Em seu segundo livro, *Imperialismo Ecológico*, Crosby chamou a atenção para o papel das pessoas “comuns” na transferência de espécies biológicas através do globo. Entre essas pessoas incluírem, os imigrantes europeus para novas terras – especificamente aquelas que não operavam como administradores, cientistas ou representantes de instituições coloniais, como jardins botânicos, sociedades científicas e museus. Com as espécies vegetais e animais que as acompanhavam, os colonos europeus transformaram os ambientes da Austrália, Nova Zelândia e África do Sul em, nas palavras de Crosby, “Neo-Europas” (*Neo-Europes*) (CROSBY, 1972; 1986).

Entretanto, a literatura sobre o Intercâmbio Colombiano ignora outra importante transferência intercontinental de espécies durante o mesmo período, o que também ocorreu como consequência da imigração. Neste caso, a migração não foi voluntária, mas forçada, e os agentes de disseminação envolveram tanto europeus quanto africanos escravizados. As plantas africanas e os animais de alimentação também foram fundamentais para a colonização europeia dos trópicos do Novo Mundo. O movimento desta biota através do Oceano Atlântico para a América tropical durante o primeiro século de desenvolvimento das *plantations* dependia significativamente do comércio transatlântico de escravos; neste caso, os africanos escravizados eram agentes-chave de dispersão. Plantas e animais chegaram em navios negreiros junto com os prisioneiros africanos para quem eles eram alimentos básicos tradicionais, medicamentos e animais de alimentação. Embora a literatura sobre o Intercâmbio Colombiano destaca o papel dos cultivos do Novo Mundo e da Ásia na revolução dos sistemas alimentares da África, pouca atenção foi dada ao impacto das espécies africanas nas terras baixas da América tropical. De particular interesse é o significado contrastante destas espécies africanas para os donos de escravos, em comparação com os escravizados.

Este capítulo examina os componentes amplamente silenciados do Intercâmbio Colombiano, nomeadamente, aqueles feitos por africanos. A discussão se refere a mais de duas dúzias de plantas, que chegaram às sociedades de *plantation* durante o comércio transatlântico escravista (Tabela 1). A maioria delas é de origem africana. Outras, domesticadas originalmente na Ásia, chegaram ao continente na pré-história, quando os africanos as adotaram nos sistemas agrícolas existentes. Cada uma dessas plantas está documentada no registro histórico dos cultivos mantidos nas sociedades de *plantation* do Novo Mundo.

Uma apreciação adequada das contribuições africanas aos sistemas agrícolas do Novo Mundo requer uma nova perspectiva sobre as sociedades de *plantation*, que transforma a ênfase das espécies de *commodities* destinadas à exportação para as plantas cultivadas pelos africanos para suprir suas necessidades no Novo Mundo. Isto, por sua vez, chama a atenção para três preocupações adicionais e inter-relacionadas: (1) o significado das espécies africanas como suporte logístico vital do comércio transatlântico de escravos, (2) seu papel na colonização dos trópicos do Novo Mundo, e (3) a agência dos africanos escravizados no cultivo pioneiro de plantas medicinais e alimentares em suas hortas e quintais.

Como introdução, é importante entender a crescente interseção das experiências europeias e africanas que começaram logo no início da “Era da Descoberta”. Antes da colonização europeia das Américas, existiam africanos escravizados na Península Ibérica. Eles chegaram durante a ocupação muçulmana através do comércio trans-saariano de escravos. Documentos registram sua presença na Espanha durante o século XIV. Com a expansão marítima no início do século XV, os portugueses desviaram o comércio de escravos para a importação direta de lugares onde suas caravelas chegavam ao longo da costa africana. Em 1448, cerca de 1.000 escravos haviam sido transportados pelo mar para Portugal e suas colônias nas ilhas atlânticas (Madeira, Açores).

Tabela 1 Plantas africanas mencionadas nos registros históricos das sociedades de *plantation* da América tropical

| Nome comum – Português | Nome científico |
|--|-----------------------------|
| CEREAIS | |
| Painço | <i>Pennisetum glaucum</i> |
| Sorgo | <i>Sorghum bicolor</i> |
| Arroz | <i>Oryza spp.</i> |
| TUBÉRCULOS | |
| Inhame | <i>Dioscorea cayenensis</i> |
| Plátano, banana compridas, banana | <i>Musa spp.</i> |
| Taro | <i>Colocasia esculenta</i> |
| LEGUMES | |
| Feijão-fradinho, feijão-caupi, feijão-miúdo, feijão-macáçar | <i>Vigna unguiculata</i> |
| Feijão-guandu, feijão-congo | <i>Cajanus cajan</i> |
| Amendoim do bambara | <i>Vigna subterranea</i> |
| Feijão-pedra, feijão-cutelinho | <i>Lablab purpureus</i> |
| PLANTAS OLEAGINOSAS E FRUTAS | |
| Mamona, rícino | <i>Ricinus communis</i> |
| Dendê | <i>Elaeis guineensis</i> |
| Melancia | <i>Citrullus lanatus</i> |
| Melão | <i>Cucumis melo</i> |
| Akee, ackee | <i>Blighia sapida</i> |
| BEBEIDAS | |
| caruru-da-guiné, uce, baguiche, quiabo-azedo, quiabo-róseo, quiabo-roxo erosélia | <i>Hibiscus sabdariffa</i> |
| Noz-de-cola | <i>Cola spp.</i> |
| VERDURAS E TEMPEROS | |
| Quiabo | <i>Hibiscus esculentus</i> |
| Juta, quiabo da mata | <i>Corchorus olerius</i> |
| A pimenta-da-áfrica | <i>Xylopi aethiopica</i> |
| Jiló | <i>Solanum aethiopicum</i> |
| FORRAGEIRAS | |
| Capim-mombaça | <i>Panicum maximum</i> |
| Capim-angola | <i>Brachiaria mutica</i> |
| Gramma-bermudas | <i>Cynodon dactylon</i> |
| Capim-gordura | <i>Melinis minutiflora</i> |
| Jaraguá | <i>Hyparrhenia rufa</i> |

Fonte: Carney and Rosomoff (2009)

Em meados do século XVI, os escravos africanos formaram um décimo da população de 100.000 habitantes de Lisboa. A população escrava de Sevilha ultrapassou 6.000, ou seja, um em cada 14 habitantes urbanos foi escravizado (Fig. 2.1) (PIKE, 1967; SAUNDERS, 1982).

Figura 1 - Imagem de artista anônimo. Chafariz d'el Rey, c. 1570-1580 (Reproduzido com permissão da Coleção Joe Berardo, Lisboa, Portugal)



Os primeiros escravos africanos introduzidos no Novo Mundo vieram de Sevilha, onde muitos haviam nascido. Em 1510, os monarcas espanhóis enviaram 200 escravos africanos para Hispaniola (foram batizados na fé cristã pouco antes de sua partida). Escravos africanos e libertos também faziam parte dos exércitos conquistadores do Novo Mundo. Um exemplo é Juan Garrido, que nasceu na África Ocidental por volta de 1480, escravizado pelos portugueses na adolescência, e levado para a Hispaniola em 1503. Ele fez parte do contingente que desembarcou em Veracruz, México, com Cortés e seu exército em 1519. A figura anônima descrita na Fig. 2.2 pode ter sido Garrido ou outro africano cujo destino similar o colocou como participante da conquista espanhola do Império Asteca (RESTALL, 2000).

Alimentos cultivados na África como um suporte vital do comércio escravista do Atlântico

Os africanos participaram plenamente da Revolução Neolítica que levou à domesticação de plantas e animais em diferentes partes do mundo, começando há cerca de 10.000 anos. As contribuições africanas para o fornecimento global de alimentos incluem nove cereais, meia dúzia de culturas de raiz, cinco plantas oleaginosas, várias forrageiras e verduras, três frutíferas e nozes, café e a cabaça (Tabela 2). A maioria destes alimentos básicos são espécies tropicais e não são amplamente conhecidos dos consumidores europeus e norte-americanos. As contribuições africanas para os suprimentos mundiais de alimentos são frequentemente negligenciadas, porque alguns dos alimentos básicos do continente são incorretamente supostos como sendo de origem asiática. Mas o continente africano abriga várias culturas alimentares indígenas, incluindo arroz (*Oryza glaberrima*) e berinjela (NRC, 1996; 2006; CARNEY, 2001).

Figura 2 - A imagem El Encuentro de Cortes y Moctezuma aparece em Fray Diego de Duran, Historia de las Indias de Nueva España y Islas de Tierra Firme, Plancha 58, c. 1579-1581 (Reproduzido com cortesia de La Biblioteca Nacional, Madrid, Espanha)



Tabela 2 – Culturas alimentares de origem africana

| Nome científico | Nomes comuns |
|---|---|
| CERRADO/SAVANNA | |
| <i>Ricinus communis</i> L. | Mamona, rícino |
| <i>Adansonia digitata</i> L. | Baobá |
| <i>Brachiaria deflexa</i> (Schumach.) C.E. Hubb. Ex. Robyns | Paniço de guiné |
| <i>Ceratothera sesamoides</i> Endl. | Gergelim falso |
| <i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai | Melancia |
| <i>Corchorus olitorius</i> L. | Juta, quiabo da mata |
| <i>Cucumis melo</i> L. | Melão |
| <i>Digitaria decumbens</i> Stent | Capim-pangola |
| <i>Digitaria exilis</i> (Kippist) Stapf | Fonio |
| <i>Digitaria iburua</i> Stapf | Fonio preto |
| <i>Hibiscus cannabinus</i> L. | <i>Kenaf</i> |
| <i>Hibiscus sabdariffa</i> L. | Vinagreira, cuxá, caruru-da-guiné, uce, baguiche, quiabo-azedo, quiabo-róseo, quiabo-roxo, erosélia |
| <i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standl. | cabaça, abóbora d'água |
| <i>Oryza glaberrima</i> Steud. | Arroz africano |
| <i>Parkia biglobosa</i> (Jacq.) R. Br. Ex G. Don | Alfarroba |
| <i>Pennisetum glaucum</i> (L.) R. Br. | Milheto, ou milheto-pérola, massango mexoeira |
| <i>Polygala butyracea</i> Heckel | <i>Beniseed</i> preto |
| <i>Sesamum alatum</i> Thonn. | Gergelim |

| | |
|--|--|
| <i>Sesamum radiatum</i> Schumach. & Thonn | <i>Beniseed</i> |
| <i>Solanum aethiopicum</i> L. | Jiló |
| <i>Solanum incanum</i> L. | Tomate amagro |
| <i>Solanum macrocarpon</i> L. | Berinjela africana, tomatillo |
| <i>Sorghum bicolor</i> (Linn.) Moench | Sorgo |
| <i>Vitellaria paradoxa</i> C.F. Gaertn. | Carité |
| <i>Vigna subterranea</i> (L.) Verdc. | Amendoim do bambara, Voandzeia |
| <i>Xylopia aethiopica</i> (Dunal) A. Rich | Pimenta-da-áfrica |
| SAVANA DA ÁFRICA OCIDENTAL - ECÓTONO DO BOSQUE | |
| <i>Aframomum melegueta</i> K. Schum. | Pimenta malagueta |
| <i>Amaranthus</i> spp. | Amaranto, espinafre africano, "callaloo", bledo |
| <i>Blighia sapida</i> K.D. Koenig | Akee, ackee |
| <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp. | Feijão-guandu, feijão-congo |
| <i>Coffea robusta</i> Linden | Coffee (robusta) |
| <i>Cola acuminata</i> (P. Beauv.) Schott & Endl. | Noz-de-cola |
| <i>Cola nitida</i> (Vent.) Schott & Endl. | Noz-de-cola |
| <i>Cucumeropsis edulis</i> (Hook. f.) Cogn. | <i>Egusi</i> (nome Yoruba) |
| <i>Dioscorea bulbifera</i> L. | Inhame, cará, cará-do-arouinhame-do-ar, cará-moela, cará-voador, cará-de-árvore, cará-taramela, cará-de-ramaoucará-aéreo |
| <i>Dioscorea cayenensis</i> Lam | Yellow guinea yam |
| <i>Dioscorea dumetorum</i> (Kunth) Pax | Three-leaved or bitter yam |
| <i>Dioscorea rotundata</i> Poir. | Inhame de guiné amarelo |
| <i>Elaeis guineensis</i> Jacq. | Dendê |
| <i>Gossypium herbaceum</i> L. | Algodão |
| <i>Hibiscus esculentus</i> L. | Quiabo |
| <i>Kerstiingiella geocarpa</i> Harms | Amendoim d' <i>Hausa</i> , amendoim <i>Kersting</i> |
| <i>Momordica charantia</i> L. | Melão-de-são-caetano |
| <i>Piper guineense</i> Schumach & Thonn. | Pimenta-de-são-tomé, jjefo |
| <i>Plectranthus esculentus</i> N.E. Br. | Batata-dedo, <i>Dazo</i> |
| <i>Solenostemon rotundifolius</i> (Poir.) J.K. Morton | Batata d' <i>Hausa</i> , <i>piasa</i> |
| <i>Sphenostylis stenocarpa</i> (Hochst. ex A. Rich.) Harms | Feijão-inhame-africano |
| <i>Tamarindus indica</i> L. | Tamarindo |
| <i>Telfairia occidentalis</i> Hook. f. | Abobora acanelada, ugu |
| <i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp. | Feijão-fradinho, feijão-caupi, feijão-miúdo, eijão-macáçar |
| ETIÓPIA/PLANALTOS DA AFRICA OCIDENTAL | |
| <i>Avena abyssinica</i> Hochst. | Aveia Egito |
| <i>Catha edulis</i> Forssk. | Khat, cat, qat, quat, gatoumiraa |
| <i>Coccinia abyssinica</i> (W. & A.) Cogn | <i>Anchote</i> |
| <i>Coffea arabica</i> L. | Café (arábica) |

| | |
|--|---------------------------------------|
| <i>Eleusine coracana</i> (Linn.) Gaertn | sorgo-de-deo |
| <i>Ensete ventricosum</i> (Welw.) Cheesman | Enset, banana falsa, banana-de-etiope |
| <i>Eragrostis tef</i> (Zucc.) Trotter | Tef |
| <i>Guizotia abyssinica</i> (L.f.) Cass. | Semente do Níger, <i>noog</i> |
| <i>Lablab purpureus</i> Sweet | Feijão-pedra, feijão cutelinho |
| <i>Panicum maximum</i> Jacq. | O capim-mombaça |
| <i>Pennisetum clandestinum</i> Hochst. Ex Chiov. | Capim kikuio |

Fonte: Harlan (1975), 71–72 and MacNeish (1992), 298–318

Os africanos também contribuíram de maneira importante para o desenvolvimento de vários cultivos asiáticos que chegaram ao continente africano séculos antes do início do comércio transatlântico de escravos (McNEILL, 2000; ALPERN, 2008). Estas incluem os cultivos de raízes: taro, o inhame asiático, o gengibre, a banana-comprida e a banana. A banana e seu primo, a banana-comprida², chegaram à África entre 2.000 e 3.000 anos atrás. As experiências africanas com essas plantas aparentadas levaram ao desenvolvimento de novos cultivares e ao surgimento de centros secundários de domesticação no continente africano (de LANGHE, 1995; MBIDA *et al.* 2000; KLEIMAN, 2003). Os estudiosos do intercâmbio colombiano enfatizam a origem geográfica de espécies, como a banana e a banana-comprida, ao invés do continente onde os europeus imigrantes as encontraram na terra pela primeira vez, tornando invisíveis as contribuições botânicas africanas e as atribuindo simplesmente como parte das transferências globais de plantas. Tais pontos de vista perpetuam inadvertidamente a percepção equivocada da África como um continente com poucos recursos botânicos próprios - um continente que sempre dependeu de alimentos introduzidos de outros lugares para a sobrevivência de seus povos.

Durante o comércio Atlântico de escravos, a África, de fato, produzia regularmente alimentos excedentes. Sabemos disso pelos registros de carga dos navios, bem como pelos registros e desenhos dos capitães dos navios, que dependiam de alimentos cultivados na África para facilitar o comércio de seres humanos. Enquanto os navios negreiros transportavam alguns estoques de alimentos da Europa, os capitães dependiam em grande parte dos excedentes de alimentos africanos para alimentar os escravizados na Passagem do Meio. Os alimentos comprados nos portos da Guiné incluíam culturas ameríndias introduzidas - notadamente milho, mandioca-brava e amendoim - enfatizados na literatura sobre o intercâmbio colombiano, bem como alimentos básicos indígenas africanos (como painço, arroz, mandioca-brava, feijão-fradinho e pimenta malagueta). Os capitães dos navios negreiros compraram alimentos básicos a granel, revelando frequentemente uma preferência distinta pelos alimentos básicos tradicionais da dieta africana, porque eles geralmente acreditavam que as taxas de mortalidade na Passagem do Meio melhoravam quando os cativos recebiam alimentos aos quais estavam acostumados. Os comerciantes de escravos também compraram provisões para a travessia transatlântica de intermediários comerciais africanos, supridos pelos fortes europeus ao longo da costa da Guiné e nos mercados locais (CARNEY e ROSOMOFF, 2009).

A região do Senegal à Libéria, conhecida durante o comércio de escravos como a Costa da Alta Guiné, forneceu cereais indígenas como o painço (*Pennisetum glaucum*), sorgo (*Sorghum bicolor*) e arroz africano (*O. glaberrima*), além do amendoim-bambara (*Vigna subterrâneo*) e a pimenta Guiné (*Aframomum melegueta*). Os produtos alimentares tradicionais comprados

² Embora tenhamos optado por essa tradução, a banana-comprida é mais conhecida no Brasil como banana-da-terra, pacova e nos demais países latino-americanos como plátano.

ao sul da Baixa Guiné incluíam inhame africano (*Dioscorea cayenensis*, *D. rotundata*), o dendê (*Elaeis guineensis*), o feijão-fradinho (*Vigna unguiculata*), e o feijão-guandu (*Cajanus cajan*). As culturas de raízes asiáticas, que os africanos incorporam em seus sistemas de cultivos na pré-história, também figuravam nas compras de alimentos, especificamente o inhame asiático (*Dioscorea alata*), o taro (*Colocasia esculenta*) e as bananas compridas (*Musa spp.*). A noz-de-cola africana (*Cola nitida*, *C. acuminata*) também aparecia frequentemente em os navios que transportava escravos. Há muito tempo o medicamento africano tradicional, a noz-de-cola, era valorizada por sua capacidade de melhorar o sabor da água potável armazenada. Os capitães rapidamente adotaram a prática africana: ao colocar a noz-de-cola em barris de água nos navios, a água estagnada podia ser refrescada e tornada palatável novamente durante a longa viagem transatlântica (HAIR et al. 1992, vo I, p. 188).

Introduções de animais africanos e forragens

Os navios europeus transportaram deliberadamente gado africano para a América tropical, uma vez que os animais estavam mais bem adaptados ao clima do que seus parentes europeus. Sem uma pelagem de lã, as ovelhas “peludas” africanas eram mais adequadas aos trópicos das terras baixas do que as raças europeias. Assim, satisfaz as exigências dos colonos por animais adequados aos ambientes tropicais do Novo Mundo. A ovelha de “pelo” foi introduzida como um alimento no início do período de colonização do Brasil, Barbados e Jamaica. Marcgraf notou sua chegada ao Brasil através de navios da África Ocidental. Ele também registrou os nomes portugueses do século XVII para as ovelhas de pelo: carneiro de Guiné e carneiro d’Angola (MARCGRABE, 1942, p. 234). Escrevendo sobre a Jamaica no final daquele século, Hans Sloan - fundador do Museu Britânico - indicou que as ovelhas da ilha eram de uma raça que vinha da África (SLOANE, 2001, vol. I, p. 254). Richard Ligon, que residiu em Barbados durante a década de 1640, identificou dois locais ao longo da costa africana onde as ovelhas “peludas” eram transportadas para a colônia inglesa: “[Eles] são trazidos de *Guinny* e *Binny*³, e esses têm pelos crescendo neles, em vez de lã; e parecem mais como cabras do que ovelhas” (LIGON, 1970, p. 59).

O gado africano também compreendia parte dos rebanhos introduzidos nas Américas. No século XVII, os europeus tinham desenvolvido um comércio florescente de animais vivos, carne e peles com os povos locais que mantinham criações animais da Costa da Alta Guiné. O gado africano era vendido para os navios negreiros (GAMBLE e HAIR, 1999). O desenho de Jean Barbot, feito durante uma expedição francesa para captura de escravos à África Ocidental no final do século XVII, mostra africanos transportando gado (provavelmente o indígena anão de raça n’dama) em suas canoas para navios negreiros à espera (Fig. 2.3) (BARBOT, 1752, p. 99). A imagem, que sugere a transferência de gado africano para o Novo Mundo, está de acordo com os resultados de estudos genéticos recentes. Pesquisas genéticas revelam que o gado africano foi, de fato, trazido para a América tropical e influenciou o desenvolvimento das populações de gado crioulo do Novo Mundo. A análise do DNA mostra as introgressões genéticas do gado africano de duas maneiras - uma através da Península Ibérica e a outra diretamente da África Ocidental. No primeiro caso, o gado africano entrou nos rebanhos ibéricos em dois períodos distintos - durante a Idade do Bronze, quando foram introduzidos através do Estreito de Gibraltar e durante a ocupação moura da Península Ibérica. Essas introduções contribuíram com genes de progenitores africanos para a população bovina ibérica. Entretanto, algumas raças do Novo

3 Ginny e Binny referir-se a Guiné e Guiné-Bissau

Mundo (por exemplo, crioulo Guadalupe, outro tipo encontrado no Brasil) foram diretamente influenciadas pelo DNA do gado importado da África Ocidental durante o comércio transatlântico escravista. Adequado à alta temperatura e umidade das terras baixas da América tropical, esse tipo de gado foi introduzido da África Ocidental através de rotas estabelecidas por Portugal e França para o transporte de seres humanos (CYMBRON *et al.* 1999; MAGEE *et al.* 2002; LIRÓN *et al.* 2006; CARNEY e ROSOMOFF, 2009; GINJA *et al.* 2009).

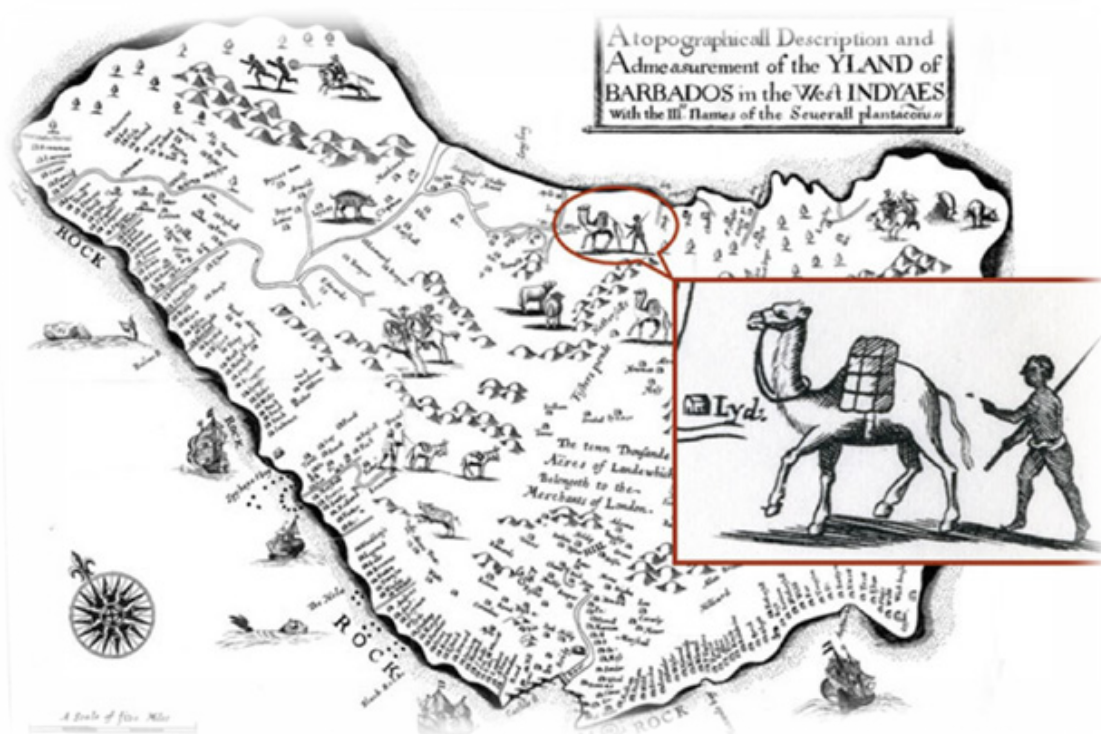
Figura 3 - Barbot (1752, vol. V, Placa E, 99)



Animais de transporte, tais como burros (nativos da África) e camelos, também foram trazidos para as Américas no início do período de colonização. Os portugueses deram o nome de uma raça de burros (asno comum, *Equus asinus*) que transportaram, “os assinigoes”, provavelmente em homenagem ao pastor de gado, Berber Azenegues, que vivia ao norte do rio Senegal e com quem eles negociavam trocas na Ilha Arguim. Richard Ligon comentou sobre esta raça presente em Barbados e a esboçou em seu mapa da ilha do século XVII (LIGON, 1970).

Os espanhóis começaram a usar camelos no Peru do século XVI como animais de carga para transportar cargas pesadas das montanhas e através do deserto costeiro. Estes camelos não chegaram ao Novo Mundo diretamente da Arábia, mas vieram da África Ocidental e das ilhas atlânticas ao largo da Senegambia. Os ingleses seguiram o precedente espanhol, confiando nos camelos como animais de transporte em sua colônia de açúcar de Barbados nas primeiras décadas de desenvolvimento das *plantations*. Os camelos são retratados, com um africano escravizado, cuidando do animal no mapa de Ligon, que data de 1647 (Fig. 2.4) (LIGON, 1970). Os camelos tinham formado um importante componente das criações animais na região semiárida entre Marrocos e o rio Senegal no século III d.C. Quando os espanhóis completaram sua conquista das Ilhas Canárias e do povo indígena Guanche no século XV, invadiram o continente africano próximo (hoje Marrocos e Saara espanhol, a apenas 100 km de distância) em busca de camelos, gado bovino, ovinos, caprinos e escravos (RUMEO DE ARMAS, 1956, p. 115). De fato, os berberes do continente eram conhecidos como pastores habilidosos. A presença do camelo no Peru chegou ao fim em 1615, quando os escravos fugitivos mataram o último espécime restante para se alimentar. Mas o uso de camelos continuou no século XVII em Barbados e Saint Domingue (CROSBY, 1972; MERCER, 1973; McCLELLAN, 1992).

Figura 4 - Detalhe do mapa de Ligon de Barbados (Ligon 1970 [c. 1647], imagem em frente ao livro)



O gado africano era acompanhado através do Atlântico pelas gramíneas indígenas que eram suas forragens naturais. Cinco espécies forrageiras africanas chegaram desta forma (Tabela 1). O significado da África para sua introdução é reconhecido nos nomes que algumas da forrageiras ainda possuem nas línguas coloniais: capim-Guiné e capim-Angola. As gramíneas de pasto africanas provavelmente se dispersaram nos cascos de bovinos, ovinos, caprinos e outros animais introduzidos na América tropical para alimentação. Introduções repetidas asseguraram a rápida dispersão dessas gramíneas. Os capins, Guiné e Angola foram especialmente apreciadas por suas qualidades nutritivas e por ser bem adaptadas e, portanto, fáceis de cultivar no clima tropical (PARSONS, 1970). Elas foram semeadas, cortadas e transportadas para alimentar vacas leiteiras e cavalos no Brasil, Cuba, e muitas outras partes dos trópicos do Novo Mundo (CHASE, 1944; DEBRET, 1954; WATTS, 1987).

A mamoneira africana: significado contrastante para os proprietários de escravos e os escravos

O comércio transatlântico de escravos também impulsionou a chegada de várias plantas africanas apreciadas por suas propriedades medicinais às Américas. Estas espécies incluíam tamarindo, goma arábica, melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*), pimenta malagueta, noz-de-cola, e a mamoneira. A mamoneira foi estabelecida em uma data antecipada no Brasil e introduzida em Santo Domingo a partir da África em 1509. Ela esteve presente com a fundação da economia da plantação puritana na Ilha de Providence no século seguinte. Documentos do século XVII também indicam sua presença nas Ilhas Leeward, Barbados e Martinica (PISO, 1957; KUPPERMAN, 1993; WATTS, 2000). O geógrafo David Watts chamou-o de um grande agente de mudança ambiental no início da história da colonização das Índias Ocidentais (c.

1624-1645) (WATTS, 1987, p. 169). Albert Eckhout - um pintor que acompanhava a expedição científica ao Brasil ocupado pela Holanda (1630-1654) - incluiu a fábrica de mamona em sua pintura de 1641, Mameluco com um Cesto de Flores (Fig. 2.5) (BUVELOT, 2004, p. 57). Willem Piso, naturalista da expedição, esboçou e descreveu uma planta que ele considerava nativa da América tropical (Fig. 2.6) (PISO, 1957, p. 385-386).

Fig. 5. Mameluke com uma cesta de flores (Buvelot 2004 ,57)

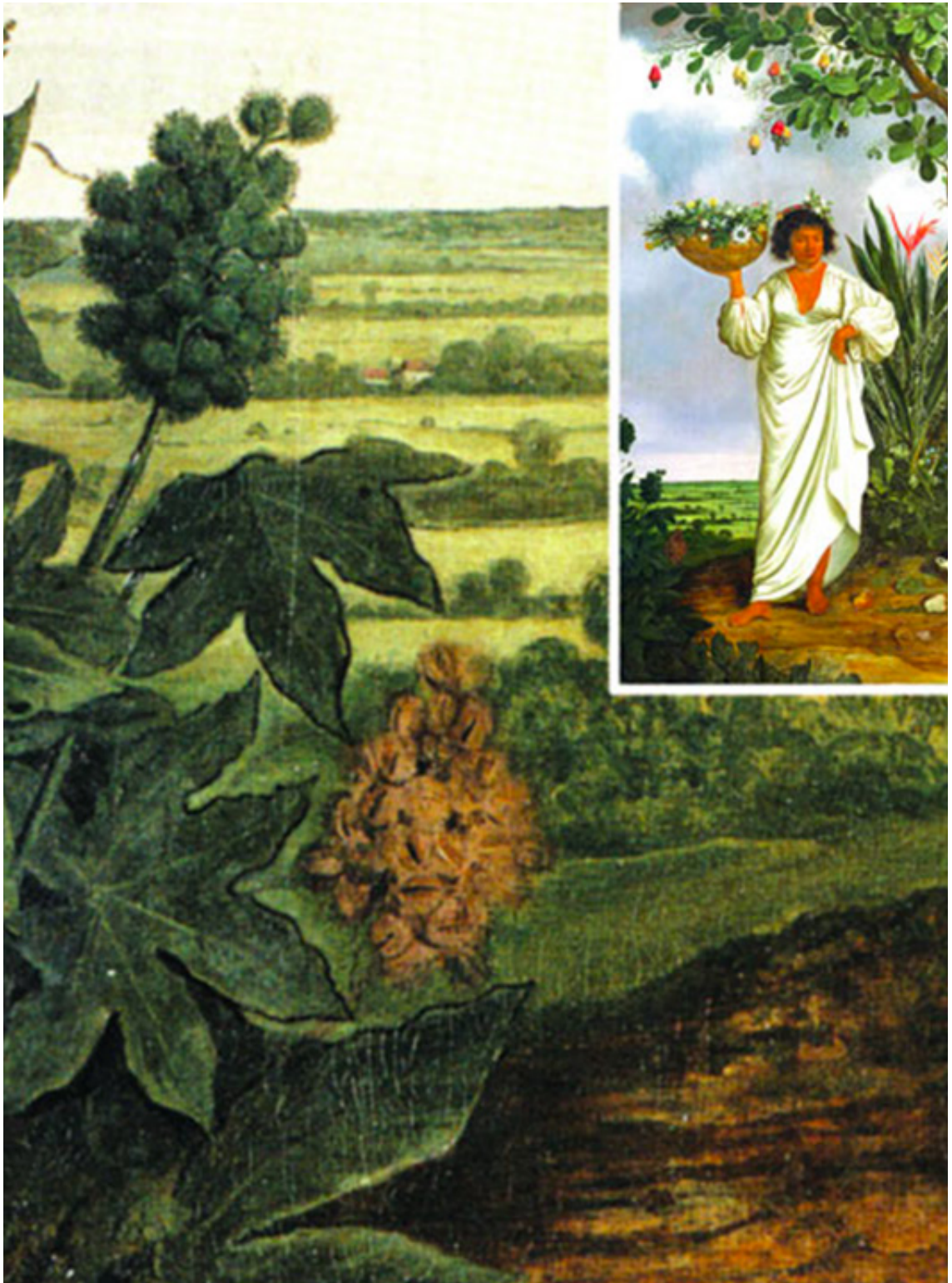
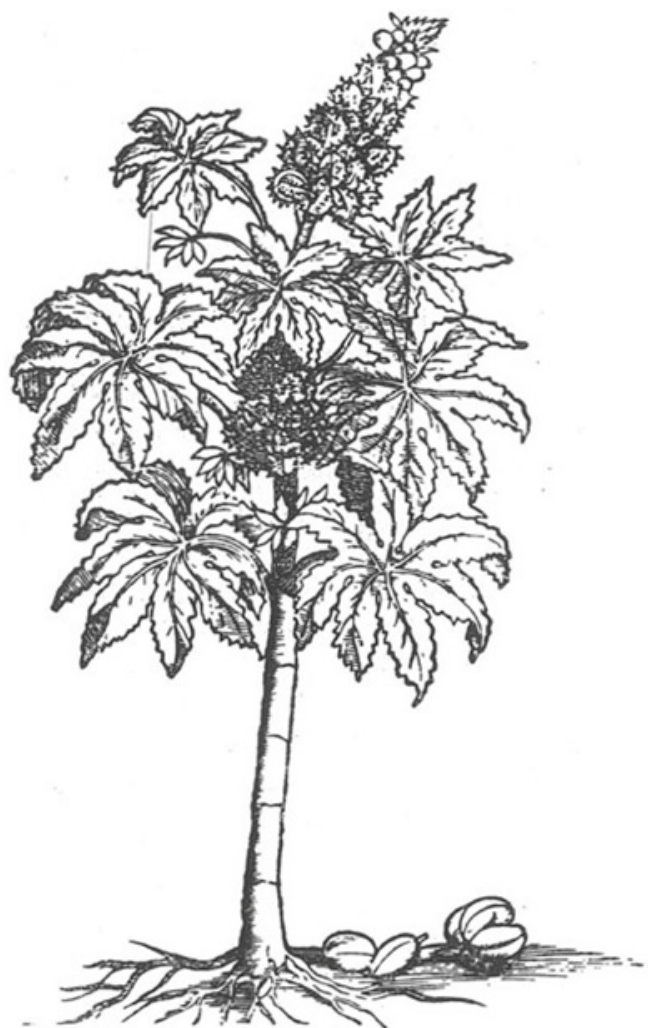


Fig. 6. pé de mamona (1957 [1645], 385)



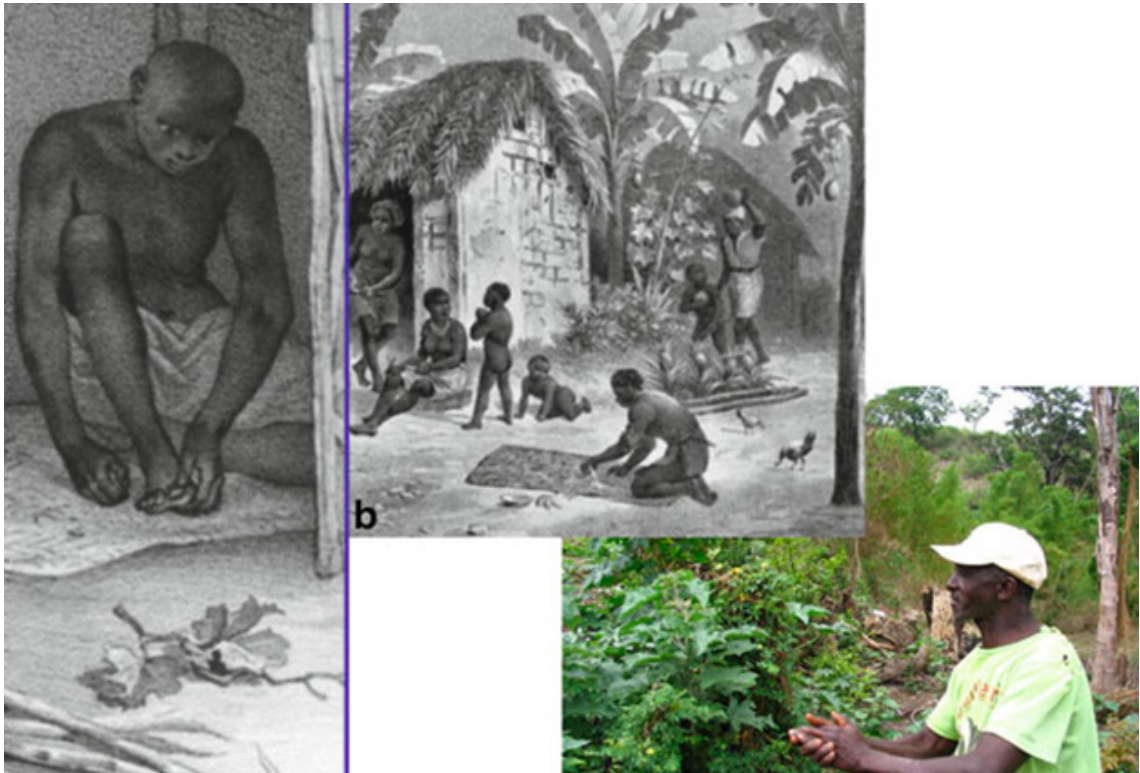
NHAMBU GUAÇÚ OU RÍCINO AMERICANO

A mamoneira (*Ricinus communis*) tinha um papel importante no alívio dos males do comércio transatlântico escravista. Os comerciantes de escravos dos dois lados do Atlântico aprenderam a apreciar as propriedades medicinais da mamona. A planta serviu como remédio para muitas aflições sofridas pelos cativos mantidos em espaços confinados. Na década de 1670, Jean Barbot notou seu cultivo no jardim do comandante do entreposto de escravos na Ilha de Gorée, Senegal (BARBOT, 1752, p. 31). Comerciantes de escravos aprenderam que a planta era um purgante poderoso e podia ser usada para tratar doenças de pele e curar piolhos capilares.

A planta também foi valorizada pelos escravos. Em dois de seus quadros feitos no Brasil durante a década de 1820, Johann Moritz Rugendas retrata a contrastante importância da mamona para os escravos, comprados com os comerciantes e proprietários. O quadro *Novos Negros* revela a importância da mamona para o comerciante de escravos. Rugendas ilustra os africanos recém-escravizados que aguardam a ser vendidos em um entreposto de escravos. Uma parte do quadro mostra um homem desconsolado com cabeça raspada (Fig. 2.7). Ao seu lado, está a folha da mamona. Ao posicionar a planta ao lado do africano, Rugendas sugere seu papel medicinal na preparação do corpo escravizado do homem para a venda, mesmo que não saibamos se a planta foi empregada como purgante, tratamento de pele ou piolho capilar

(SLENES, 2002; CORRÊA do LAGO, 2001, p. 189). Na segunda pintura de Rugendas, *Moradia de Escravos*, a mamona é novamente apresentada com escravos, mas desta vez em um contexto totalmente diferente (Fig. 2.7, centro) (RUGENDAS, 1954, p. 205). Ela é encontrada como um cultivo do quintal dos escravos (a planta da mamona é retratada à direita da casinha, atrás do homem carregando um pote de água e da criança). Nesta pintura de Rugendas, os escravos estão deliberadamente cultivando uma planta versátil cujas propriedades faziam parte de sua herança etnobotânica compartilhada (CARNEY e Rosomoff, 2009).

Fig. 7. (a) Novos Negros por Johann Moritz Rugendas (Reimpresso em Corrêa do Lago 2001, 189). (b) Habitação de negros (Rugendas 1954, Placas 4/5, depois de p. 205). (c) Photo por Judith Carney, Outubro, 2005, Minas Gerais, Brasil



Os africanos escravizados nas Américas tinham muito conhecimento sobre os diversos usos da planta de mamona, que é nativa da África subsaariana. Eles a usavam para tratar doenças de pele, infecções oftalmológicas, doenças venéreas, dores articulares, problemas gastrointestinais e infestações helmínticas. Um observador da sociedade de *plantation* da Jamaica descreveu os escravos usando óleo de rícino⁴ para extrair o verme da guiné das pernas afligidas (GRIMÉ, 1979, p. 173). O aspecto distintivo da planta da mamona, sua ubiquidade nas sociedades de *plantation* nos trópicos e suas amplas propriedades curativas atraíram o comentário de muitos observadores europeus (GRIMÉ, 1979; KIMBER, 1988; KUPPERMAN, 1993; WATTS, 2000). Um deles foi Samuel Hazard, que viajou para Cuba em 1871, quando a escravidão ainda era legal. Hazard observou que a mamona “cresce em grandes quantidades por todas estas montanhas, e é preparada pelas negras antigas, que selecionam os grãos, os limpam e preparam para a extração do óleo”. Ele se maravilhou com a capacidade de uma escrava idosa detectar os melhores grãos para extrair o óleo, embora ela fosse cega. A figura 2.8 é a imagem que ele esboçou dela (HAZARD, 1971, p. 469).

⁴ O óleo da planta da mamona é mais conhecido como óleo de rícino.

Fig. 8 - Mulher selecionando sementes de mamona (Samuel Hazard 1971, 469)



A mamoneira estava entre várias introduções botânicas africanas que também se tornaram *commodities* das *plantations*. No século XVIII, em Santo Domingo, a planta era cultivada em vastas áreas destinada à produção de óleo para alimentar lamparinas (McCLELLAN, 1992). Em uma época em que as velas eram a única outra fonte de iluminação, a planta de mamona oferecia uma alternativa importante. Ela ainda hoje é plantada para este fim em algumas comunidades remotas do Brasil fundadas por escravos fugitivos (quilombos⁵). Em Minas Gerais,

⁵ Embora o termo quilombo no Brasil seja mais frequentemente associado a comunidades fundadas por escravos fugitivos, o termo abrange muitas comunidades de origem afro-brasileira, fundadas através de diferentes processos de resistência (veja XX esta edição e Leite, Ilka. (2015). The Brazilian quilombo: Race, community and land in space and time. *The Journal of Peasant Studies*. 42. 1-16. 10.1080/03066150.2015.1016919 para uma análise mais aprofundada sobre o tema).

um antigo líder quilombola cultiva a mamona em sua horta familiar para obter óleo para usar em suas lamparinas em homenagem aos seus ancestrais (Fig. 2.7, à direita). João Ribeiro relata as histórias de infância que suas bisavós lhe contaram sobre os horrores da Passagem do Meio de Angola. Ele acende a lamparina com óleo de rícino ao oferecer orações devocionais ao santo protetor da família. Da mesma forma, no estado do Maranhão, a mamona medicinal é frequentemente encontrada em comunidades quilombolas. Na Bahia, como Robert Voeks observa nas *Folhas Sagradas do Candomblé*, é uma planta importante na prática da religião (VOEKS, 1997, p. 78-79; PESSOA DE BARROS e NAPOLEÃO, 1998).

Figura 9 - Capitães dos navios que se reúnem em Suriname por John Greenwood, c. 1752-1758 (Reprodução com permissão do Museu de Arte de Saint Louis)



Os objetivos comerciais europeus por si só não explicam plenamente o estabelecimento de plantas indígenas africanas na América tropical. Os capitães dos navios negreiros certamente reconheceram o valor imediato das preferências alimentares africanas como provisões para a travessia do Atlântico e como medicamentos para maximizar a sobrevivência das “*commodities*” humanas que migraram à força para as sociedades de *plantation*. Para os capitães de navios negreiros, a utilidade das plantas africanas terminou quando suas vítimas foram desembarcadas e vendidas (Fig. 2.9). Para os africanos cativos, agora em novas terras, essa utilidade nunca se perdeu; ela foi reformulada e transformada nas sociedades de *plantation* e mineração do Novo Mundo. Os alimentos e remédios familiares que os acompanhavam através da Passagem do Meio podiam agora prevenir a fome e tratar as doenças. Aqui surge uma nova narrativa, uma narrativa que envolve o papel dos africanos escravizados em estimular o cultivo de plantas familiares em novas terras.

A agência dos escravos em instigar o cultivo de alimentos essenciais africanos

De acordo com registros históricos, durante os 350 anos do comércio transatlântico de escravos, 11 milhões de africanos chegaram às Américas em cerca de 30.000 viagens (ELTIS et al. 1999). De fato, até a primeira década do século XIX, mais africanos chegaram às Américas do que europeus. Todo o sucesso das travessias nos navios negreiros, que poderia durar várias semanas ou meses, dependia vitalmente de um abastecimento alimentar adequado para man-

ter os cativos vivos no caminho. Embora o milho ameríndio e a mandioca-brava cultivados na África fornecessem parte da demanda de alimentos, as provisões alimentares abastecidas na África também incluíam cereais africanos e as culturas de raiz. Significativamente, apesar das demandas por alimentos básicos do comércio transatlântico de escravos, e do consumo do próprio comércio nos segmentos mais afetados da população, as sociedades da África Ocidental ainda conseguiram produzir alimentos em tal quantidade que forneceram dezenas de milhares de viagens de escravos.

No início do período colonial, os proprietários de *plantations* encontraram muitas plantas novas que cresciam nas áreas agrícolas mantidas por escravos. Os europeus se referiam a algumas espécies por descritores geográficos, ou topônimos, que indicavam sua procedência africana. Muitos desses alimentos básicos ainda são conhecidos nos idiomas português, espanhol, francês e inglês pelo nome do lugar “*guinea*”, nome que os comerciantes de escravos geralmente aplicavam ao continente africano. Em inglês, temos “*guinea corn*” (sogro), “*guinea sorrel*” (*Hibiscus sabdariffa*)— a planta que dá ao chá de Zinger vermelho sua cor—“*guinea squash*” (*Solanum aethiopicum*), “*guinea melon*” (*Cucumis melo*), “*guinea pepper*” (*Xylopiya aethiopica*), “*guinea grass*” (*Panicum maximum*), “*guinea yam*” (*Dioscorea cayenensis*), e até “*guinea fowl*” (a galinha d’angola).

Outros cultivos introduzidos foram nomeados em função de regiões africanas específicas ou portos de escravos, onde o excedente de alimentos estava geralmente disponível e facilmente adquirido para a Passagem do Meio. Por exemplo, o feijão-guandu foi chamado “*Congo pea*” ou “*Angola pea*” em inglês (ervilha do Congo ou ervilha da Angola) e “*pois d’Angole*” em francês. Um tipo de banana-comprida ainda é conhecido no Brasil como “Banana de São Tomé”. Nas antigas áreas de *plantation* do leste de Cuba, ao longo da costa caribenha da Colômbia, e em El Salvador, a banana é chamada de “*guineos*”, fazendo referência à região onde os europeus encontraram pela primeira vez as espécies de banana tropical do velho mundo.

Tais topônimos trazem à luz a importância da África como fonte de espécies alimentares essenciais para o abastecimento de navios negreiros com destino às Américas. A este respeito, os navios serviram como um condutor inadvertido para a introdução de alimentos africanos no Hemisfério Ocidental. Mesmo que nem todos os navios tivessem um estoque adequado de alimentos, e a maioria fosse consumida nas viagens, as sobras de provisões eram frequentes nas repetidas travessias do Atlântico.

Muitas plantas introduzidas na América tropical são conhecidas em línguas coloniais por seus nomes vernáculos africanos. Isto chama a atenção para os africanos que iniciaram o cultivo destas plantas nas Américas e para os locais nas sociedades de *plantation* onde as estabeleceram. Os proprietários de *plantations* e naturalistas europeus nas Américas encontraram muitas plantas novas nos quintais, hortas e pequenos roçados dos escravos. Para os cultivos que não tinham nomes em línguas europeias, os europeus adotaram os nomes que os escravos utilizavam. A agência de escravos ao introduzir e estabelecer plantas para seu próprio uso é sugerida pelos nomes africanos que foram adotados pelas línguas coloniais das antigas sociedades de *plantation*. “Banana”, por exemplo é uma palavra de origem Africana. Assim como “*yams*” e “*okra*” em inglês (os inhames e quiabos), e outras plantas cultivadas na América tropical, tais como “*guandul*” e “*wando*” (espanhol e holandês para o feijão-guandu); dendê e “*abbay*” (inglês jamaicano para a palmeira dendê); quiabo e “*quingombó*” (espanhol para o quiabo); “*bissy*” e “*eddo*” (para noz-de-cola e taro, respectivamente no Caribe inglês); “*pindal*”, “*goober*” e “*benne*” (na Carolina do Sul e no Caribe inglês para o amendoim e gergelim, respectivamente) (SCHNEIDER, 1991; CASSIDY e LE PAGE, 2002; CARNEY e ROSOMOFF, 2009).

Muitos pratos da culinária da América tropical também trazem nomes africanos. Estes incluem o “*gumbo*” e os guisados do Caribe, conhecidos como “*callaloo*” e pratos regionais que apresentam importantes alimentos básicos da África, como “*mangú*” e “*mofongo*” feito com bananas compridas (na República Dominicana e em Porto Rico). Um prato típico regional do Maranhão, Brasil, é o arroz de cuxá (arroz com a vinagreira-roxa - a palavra cuxá é derivada do povo Mandinka da África Ocidental, que ainda cultiva e faz vários preparos alimentícios com vinagreira-roxa, *Hibiscus sabdariffa*, que evoluiu entre as plantações de arroz locais, onde tinham populações de escravos que incluíam pessoas de Senegambia e Guiné-Bissau). Até recentemente, o Maranhão liderou o Brasil na produção de arroz por estado, principalmente pelos camponeses de descendência mista. Nesta região, os quilombolas narram uma história sobre os inícios do arroz. Eles atribuem a introdução do cultivo à uma mulher escravizada que colocou alguns grãos de arroz em seus cabelos ao desembarcar no navio dos escravos (CARNEY e ACEVEDO MARIN, 1999; CARNEY e ACEVEDO, 2004; CARNEY, 2004; 2005). Os capitães dos navios matinhavam estoques com os grãos não descascados, menos dispendiosos, que vieram das sociedades africanas produtoras de arroz. Significativamente, grãos não moídos de uma viagem de escravos poderiam ter servido como sementes para o plantio nas novas terras.

Ao afirmar que uma mulher africana iniciou o cultivo de arroz, a história oral quilombola oferece uma narrativa contrastante ao Intercâmbio Colombiano, que reconhece apenas o papel dos europeus na disseminação e estabelecimento de plantas em outros continentes (CARNEY, 2001). A narrativa quilombola sobre o arroz substitui os agentes rotineiros da dispersão global de sementes celebrados nos relatos ocidentais - navegadores europeus, colonos e homens de ciência - com uma mulher africana escravizada cujo esforço deliberado de sequestrar grãos de arroz em seus cabelos levou ao estabelecimento de uma preferência alimentar africana na América tropical e subtropical.

A história do arroz quilombola também é significativa porque identifica um navio negreiro como o meio de transporte para a transferência de sementes transatlântica. Os grãos de cereais, plantas medicinais e raízes, que ocasionalmente permanecem a bordo, proporcionaram aos africanos escravizados oportunidades de acesso a culturas familiares e de cultivá-las tranquilamente em suas hortas, quintas e outras áreas manejadas para seus mantimentos. Desta forma, os escravos restabeleceram muitas espécies botânicas africanas que eram novidades para os proprietários das *plantations*.

Enquanto o navio negreiro serviu como o condutor pelo qual as plantas africanas chegaram às Américas, o estabelecimento de novos alimentos básicos, “pioneiros”, pode ser atribuído em grande parte aos negros escravizados. Isto porque os proprietários de escravos não adotaram prontamente as novas colheitas que descobriram nas hortas, quintas e outras plantações de subsistência de seus escravos. Assim como os ingleses na Irlanda do século XVII desprezavam a batata do Novo Mundo como “comida irlandesa”, muitas introduções africanas foram inicialmente desprezadas pelos proprietários de *plantation* como “comida de escravos”. O preconceito social e racial que dividia os escravos e seus “proprietários” também inicialmente mantinha separados os alimentos que os dois grupos comiam. Mas este muro de segregação culinária desapareceu gradualmente ao longo do tempo. Ingredientes essenciais da diáspora africana formam introduzidas, furtivamente às cozinhas e refeitórios dos brancos (WILSON, 1964).

Os alimentos africanos - entre eles o quiabo, folhas (por exemplo, couve), as bananas-compridas (plátanos), o feijão-guandu, o feijão-fradinho e o gergelim - infiltravam a culinária dos brancos através dos pratos e confecções que suas cozinheiras escravizadas preparavam para eles. Hoje, reconhecemos tais ingredientes chave nos pratos do sul dos Estados Unidos, a

saber: o “*Hoppin John*” (feito de arroz e feijão), o “*benne*” (de gergelim) e as frituras como “*hush pup-pies*” e “*fritters*.” O “*callaloo*” do Caribe, com folhas verdes como componente principal, bem como outros guisados feitos com quiabo, como o “*gumbo*” da Louisiana dos EUA e o arroz de cuxá (arroz cozido com folhas de vinagreira-roxa), que é um dos pratos típicos do Maranhão, Brasil também são exemplos do legado africano nas Américas.

Conclusão

Os cultivos africanos levados para a América tropical e subtropical durante o período de comércio de escravos devem seu estabelecimento às primeiras gerações de africanos escravizados nas plantações do Novo Mundo. Os escravos cultivaram-nas para evitar a fome, diversificar sua dieta, restabelecer as práticas alimentares costumeiras e tratar doenças. As migrações de plantas africanas durante a época do estabelecimento dos *plantations* nas Américas estão, assim, inelutavelmente ligadas à instituição e os processos do comércio transatlântico de seres humanos. Os navios negreiros transportaram a herança botânica da África, o que deu aos africanos desorientados a oportunidade de plantar algumas das suas plantas nativas. Em suas hortas, quintais e outras áreas de cultivo destinadas aos seus mantimentos, os donos dos escravos descobriram estes cultivos e às vezes até exploraram seu potencial comercial (CARNEY e ROSOMOFF, 2009).

O sistema escravocrata deu aos proprietários de escravos o direito de se apropriarem das práticas e métodos de cultivo que os escravos usavam para garantir seu sustento diário. Os direitos de propriedade deram aos proprietários dos *plantations* o poder de reivindicar esses conhecimentos como próprios e transmutá-los ao longo do tempo como prova de sua suposta ingenuidade. Desta forma, a escravidão significa não apenas uma apropriação do corpo e do trabalho, mas também do conhecimento e as ideias dos seres humanos escravizados. Significativamente, muitas vezes os proprietários de escravos usavam suas posições de poder para explorar os conhecimentos e habilidades dos escravizados, dando em troca o tratamento favorável aos escravos detentores dos conhecimentos. Estes conhecimentos eram cruciais para a colonização das terras baixas tropicais do Novo Mundo.

Uma característica crítica da migração humana em todo o mundo é a preservação das preferências alimentares tradicionais através do espaço e os deslocamentos da geografia. O fato de que a migração dos africanos foi impulsionada através de extremos de violência e crueldade não diminui este desejo universal nem exclui a possibilidade de alcançá-lo. Os alimentos básicos africanos, transferidos para as Américas, muitas vezes permitiu que os escravos restabelecessem tradições alimentares de suas culturas de origem e combinar ingredientes de forma inovadora com os alimentos ameríndios e europeus. Desta forma, os escravos modificaram discretamente a monotonia dos regimes alimentares que os proprietários impunham. Os africanos e seus descendentes moldaram profundamente as tradições culinárias das sociedades escravistas, combinando ingredientes de três continentes de novas maneiras em sua luta para manter seu sustento diário. Através dos pratos que as cozinheiras escravizadas preparavam para seus donos, os alimentos africanos furtivamente chegavam às mesas dos brancos. Desta forma, as introduções das plantas africanas encorajaram as distintas - e hoje muito celebradas - vias alimentares regionais que eventualmente se desenvolveram nas sociedades de *plantation*. O legado botânico da África nas Américas é construído sobre este fundamento não reconhecido.

Agradecimentos

Versões anteriores deste capítulo foram apresentadas na *Michigan State University* (2005), na *University of Wisconsin* (2006), nas reuniões anuais da Associação Brasileira de Estudos (2008) e na *Society for Economic Botany* em maio de 2009. Gostaria de agradecer a estas audiências por levantarem questões provocativas que guiaram a evolução deste capítulo. Agradeço a Antoinette WinklerPrins por chamar minha atenção para a Fig. 2.5, a seu pai, que gentilmente enviou o livro da exposição Eckhout da Holanda, e a Chase Langford, cartógrafo do Departamento de Geografia da UCLA, por digitalizar e aprimorar essa imagem. Gostaria de agradecer a Michael O’Grady pela assistência no trabalho de campo no Pará (1996); Rosa Acevedo, minha colaboradora durante o trabalho de campo em quilombos no Maranhão e no Pará (1996, 1997, 2002); Leonard Abrams, Seu Benedito, Dona Maria e Ivã que apoiou pesquisa em quilombos perto de Itapecurú, Maranhão, em 2002. Agradecimento adicional é estendido a Jacque Chase, meu colaborador na pesquisa sobre quilombos em Minas Gerais em 2005.

Referências

- ALPERN, S.B. Exotic plants of Western Africa: where they came from and when. **History in Africa**, 35: 63–102, 2008.
- BARBOT, J. A description of the coasts of North and South Guinea; and of Ethiopia inferior, vulgarly Angola; being a new and accurate account of the Western Maritime Countries of Africa. In: Churchill A (ed) **A collection of voyages and travels, some now first printed from original manuscripts, others now first published in English**, 8 vols, vol V. Printed from Messieurs Churchill for T. Osborne, London, p 99, 1752.
- BUVELOT, Q. Albert Eckhout: a Dutch artist in Brazil. The Hague Waanders Publishers, 2004.
- CARNEY, J. Black rice: the African origins of rice cultivation in the Americas. Cambridge: Harvard University Press, 2001.
- CARNEY, J. ‘With grains in her hair’: rice history and memory in colonial Brazil. **Slavery Abolit**, 25:1–27, 2004.
- CARNEY, J. Rice and memory in the age of enslavement: Atlantic passages to Suriname. **Slavery Abolit**, 26:325–347, 2005.
- CARNEY, J.; ACEVEDO, R. Saberes agrícolas dos escravos africanos no Novo Mundo. **Ciência hoje**, 35: 26–33, 2004.
- CARNEY, J., ACEVEDO MARIN, R. Aportes dos escravos na história do cultivo do arroz africano nas Américas. **Estudos sociedade e agricultura**, 12:113–133, 1999.
- CARNEY, J., ROSOMOFF, R. **In the shadow of slavery: Africa’s botanical legacy in the Atlantic World**. Berkeley: University of California Press, 2009.
- CASSIDY, F.G., Le PAGE, R.B. **Dictionary of Jamaican English**. Kingston: University of the West Indies Press, 2002.
- CHASE, A. Grasses of Brazil and Venezuela. **Agriculture in the Americas**, 4:123–126, 1944

- CORRÊA DO LAGO, P. **Iconografia Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural 2001.
- CROSBY, A.W. **The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492**. Westport : Greenwood Press, 1972.
- CROSBY, A.W. **Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900–1900**. New York: Cambridge University Press, 1986.
- CYMBRON, T., LOFTUS, R.T., MALLHEIRO, M.I., BRADLEY, D.G. Mitochondrial sequence variation suggests an African influence in Portuguese cattle. **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, 266: 597–603, 1999.
- DE LANGHE, E. Banana and plantain: the earliest fruit crops? **Annual report**, Montpellier : **INIBAP**, 1995.
- DEBRET, J.B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil: 1834–1839**, 2 vols. São Paulo: Livraria Martins, 1954.
- DONKIN, R.A. **Meleagrides: an historical and ethnogeographical study of the guinea fowl**, London: Ethnographica, 1991.
- ELTIS, D., BEHRENDT, S.; RICHARDSON, D., KLEIN, H. **The trans-Atlantic slave trade: a database on CD-ROM**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- GAMBLE, D.P.; HAIR, P.E.H. (eds) **The discovery of River Gambia (1623) by Richard Jobson**. London: Hakluyt, 1999.
- GINJA, C.; PENEDO, M.C.T.; MELUCCI, L.; QUIROZ, J.; MARÍNEZ LÓPEZ, O.R.; REVIDATTI, M.A.; MARTÍNEZ-MARTÍNEZ, A.; DELGADO, J.V., GAMA, L.T. Origins and genetic diversity of New World Creole cattle: inferences from mitochondrial and Y chromosome polymorphisms. **Animal Genetics**, 41:128–141, 2009.
- GRIMÉ, W. **Ethno-botany of the Black Americans**. Algonac : Reference Publications, 1979.
- HAIR, P.E.H.; JONES, A., LAW, R. **Barbot on Guinea: the writings of Jean Barbot on West Africa, 1678–1712**, 2 vols. London: Hakluyt, 1992.
- HARLAN, J.R. **Crops and man**. Madison: Crop Society of America, 1975.
- HAZARD, S. **Cuba with pen and pencil**. Hartford : Hartford Publishing Co., 1971.
- KIMBER, C.T. **Martinique revisited: the changing plant geographies of a West Indian island**. College Station: Texas A & M University Press, 1988.
- KLEIMAN, K. **The pygmies were our compass: Bantu and Batwa in the history of West Central Africa, early times to c. 1900 C.E.** Portsmouth : Heinemann, 2003.
- KUPPERMAN, K.O. **Providence Island, 1630–1641: the other Puritan colony**. New York: Cambridge University Press, 1993.
- LIGON, R. **A true & exact history of the island of Barbadoes**. London: Frank Cass & Co., (1970 [1647]).
- LIRÓN, J.P.; BRAVI, C.M.; MIROL, P.M.; PERAL-GARCÍA, P.; GIOVAMBATTISTA, G. African matrilineages in American Creole cattle: evidence of two independent continental sources. **Animal Genetics**, 37:379–382, 2006.
- MacNEISH, R. **The origins of agriculture and settled life**. Norman: University of Oklahoma Press, 1992.

MAGEE, D.A., MEGHEN, C., HARRISON, S., TROY, C.S., CYMBRON, T., GAILLARD, C., MORROW, A., MAILLARD, J.C., BRADLEY, D.G. A partial ancestry for the creole cattle populations of the Caribbean. **Journal of heredity**, 93:429–432, 2002.

MARCGRAVE, J. História natural do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, (1942 [1648]).

MBIDA, C.M.; Van NEER, W.; DOUTRELEPONT, H.; VRYDAGHS, L. Evidence for banana cultivation and animal husbandry during the first millennium BC in the forest of southern Cameroon. **Journal of Archaeological Science**, 27:151–162, 2000.

McCLELLAN, J.E. III **Colonialism and science: Saint Domingue in the old regime**. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1992.

McNEILL, J.R. **Biological exchange and biological invasion in world history**. Paper presented at the 19th international congress of the historical sciences, Oslo, 6–13 August, 2000.

MERCER, J. **Canary Islands: Fuerteventura**. Harrisburg : Stackpole Books, 1973.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL (NRC) **Lost crops of Africa, vol 1, Grains**. Washington, DC: National Academy Press, 1996.

NATIONAL RESEARCH COUNCIL (NRC) **Lost crops of Africa, vol 2, Vegetables**. Washington, DC: National Academy Press, 2006.

PARSONS, J.J. The “Africanization” of the New World tropical grasslands. **Tübinger Geographische Studien**, 34:141–153, 1970.

PESSOA DE BARROS, J.F. A galinha d’angola: Iniciação e identidade na cultura Afro-Brasileira. Rio de Janeiro : Universidade Federal Fluminense, 1993.

PESSOA DE BARROS, J.F. e NAPOLEÃO, E. **Ewé Òrìsà: Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé Jêje-Nago**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1998.

PIKE, R, Sevillian society in the sixteenth century: slaves and freedmen. **The Hispanic American Historical Review**, 43: 344–359, 1967.

PISO, G História natural e médica da India Ocidental. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, (1957 [1648])

RESTALL, M. Black conquistadors: armed Africans in early Spanish America. **Americas**, 57: 171–205, 2000.

RUGENDAS, J.M. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954.

RUMEU DE ARMAS, A. **España en el Africa Atlántica**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1956.

SAUNDERS, A.C.C.M. **A social history of black slaves and freedmen in Portugal**, 1441–1555. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

SCHNEIDER, J.T. **Dictionary of African borrowings in Brazilian Portuguese**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 1991.

SLENES, R. African Abrahams, Lucretias and men of sorrows: allegory and allusion in the Brazilian anti-slavery lithographs (1827–1835) of Johan Moritz Rugendas. **Slavery Abolit**, 23:147–169, 2002.



SLOANE, H. Page 254, vol I. Quoted in Edwards B (2001) [1793] **History, civil and commercial, of the British colonies in the West Indies**, 5 vols. Chestnut Hill : Adamant Media, 2001.

VOEKS, R. **Sacred leaves of candomblé**. Austin : University of Texas Press, 1997.

WATTS, D. **The West Indies: patterns of development, culture, and environmental change since 1492**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

WATTS, D. Early Hispanic new world agriculture, 1492 to 1509. In: Shepherd, V.; Beckles H.Mc.D. (eds) **Caribbean slavery in the Atlantic World: a student reader**. Princeton: Marcus Wiener, pp 136–152, 2000.

WILSON, M.T. Peaceful integration: the owner's adoption of his slaves' food. **The Journal of Negro History**, 49:116–127, 1964.